

CONTRIBUIÇÃO AO CONHECIMENTO MORFO-ANATÔMICO DAS ESPÉCIES DE *Copaifera* L. (LEGUMINOSAE-CAESALPINIOIDEAE) OCORRENTES NOS MUNICÍPIOS DE MOJU E TAILÂNDIA, ESTADO DO PARÁ.

MARTINS¹, Deryck Pantoja; **MARTINS DA SILVA²**, Regina Célia Viana; **NASCIMENTO³**, Manoel Euclides,.

O gênero *Copaifera* foi descrito por Linné em 1762, tendo como espécie tipo *C. officinalis* L. Em 1865, Bentham considerou o gênero *Guibourtia* como sinônimo de *Copaifera*, porém, em 1949, Léonard considerou os referidos gêneros independentes e reconheceu 15 espécies e duas variedades de *Guibourtia*. O óleo extraído do tronco das espécies de *Copaifera* é um produto que, devido as suas propriedades terapêuticas, é altamente utilizado na medicina popular, como um poderoso antiinflamatório e antibactericida, podendo ser encontrado, na maioria das residências da Amazônia. Seus consumidores são pessoas de baixa à alta renda, lojas de produtos naturais e produtos para pintura em porcelana, indústrias farmacêuticas, de cosméticos e vernizes. Pesquisas indicam que copaíba não é tóxica em dosagens tradicionais, porém em grandes quantidades pode causar diarreias, vômitos e erupções na pele, sendo aprovado para a produção de aromatizante em alimentos. A madeira tem uso em movelaria, embalagens, indústrias de compensados e construção. Popularmente, as espécies do gênero *Copaifera* são conhecidas como árvore-milagrosa, árvore-do-óleo-diesel, bálsam-copaíba, copaíba, copaíba-mari-mari, copaíba-roxa, coapibeura-de-minas, copaíva, copal, jesuit's-balsam, mal-dos-sete-dias e pau-d'óleo. Essa nomenclatura popular, na Amazônia brasileira, é bastante utilizada para a comercialização do óleo e da madeira de espécies do gênero *Copaifera*, tornando-se bastante preocupante, visto que não há uma padronização que associe um nome popular a um científico. Essas denominações populares encontram-se variando de uma região para outra e, às vezes, dentro da mesma região, dependendo de quem as utiliza. Esse fato causa preocupação, pois o uso da nomenclatura popular, em detrimento da científica, pode levar a erros sérios do ponto de vista biológico e comercial, visto que cada espécie apresenta características morfológicas, anatômicas, fisiológicas e ecológicas peculiares que levam a diferentes propriedades físicas, químicas e mecânicas no óleo e na madeira. Sendo, portanto, indispensável um estudo criterioso das características peculiares de cada espécie, objetivando uma perfeita identificação taxonômica, para subsidiar outros estudos relacionados a esse gênero, bem como a exploração sustentável, comercialização e o uso do óleo/resina. As espécies do gênero *Copaifera*, morfológicamente, são altamente semelhantes entre si, dificultando, consideravelmente, a separação em nível específico. Dessa forma, neste trabalho, pretende-se estudar as características morfológicas e anatômicas das espécies que ocorrem nos municípios de Moju e Tailândia, a fim de contribuir para a elaboração de um folheto de identificação taxonômica dos espécimes desse gênero ocorrentes na Amazônia brasileira. Para a elaboração desse folheto, será utilizada, além da morfologia, a anatomia como ferramenta para subsidiar o processo de identificação. Pretende-se buscar, nas características anatômicas, informações que auxiliem o processo de identificação taxonômica, visto que muitos autores utilizaram a presença de pontos translúcidos nos folíolos para separar as espécies desse gênero em grupos. As coletas serão realizadas nos municípios de Moju e Tailândia, utilizando-se as normas convencionais de coleta e tratamento de amostras botânicas para identificação taxonômica e amostras fixadas em álcool 70%, as quais serão analisadas no herbário IAN da Embrapa Amazônia Oriental, quanto à filotaxia: nervação; tamanho, forma, base e ápice dos folíolos; presença, quantidade, forma, localização e disposição de tricomas nos órgãos; presença e características de glândulas ou demais estruturas; forma, dimensões e característica dos órgãos que compõem o sistema reprodutor. Será utilizada câmara clara acoplada ao estereomicroscópio para ilustrar as principais características encontradas nos espécimes estudados e as mensurações serão feitas com régua e/ou ocular milimetrada acoplada ao estereomicroscópio. De amostras fixadas em álcool 50%, serão feitos cortes histológicos no caule do primeiro entrenó e em folíolos apical, mediano e basal de folhas adultas, com os quais serão preparadas lâminas permanentes para análise das estruturas anatômicas. A epiderme será dissociada, após a imersão do folíolo em mistura de Jeffrey por 24 horas, a qual, após separação das partes adaxial e abaxial, será lavada em água e corada com azul de astra e fucsina básica, sendo posteriormente montada entre lâminas e lamínulas com resina sintética. Para preparação das lâminas semi-permanentes, os cortes serão clarificados com hipoclorito de sódio (1:1) aquoso, lavados com água e armazenados em frascos contendo álcool a 50% e, corados com astrablau e fucsina básica. A frequência estomática será calculada utilizando-se a fórmula $SI = 100 \times S / E + S$, onde **S** é o número de estômatos e **E** é o número de células epidérmicas. Para o estudo da venação foliar, folíolos previamente fixadas, serão colocadas em solução de hidróxido de sódio 5% aquoso, trocada a cada 24 horas até a clarificação e, lavadas em água corrente, seguindo-se coloração com safranina 1%. A montagem será feita entre lâmina e lâmina e entre lâmina e lamínula fixadas com resina sintética. Todas as estruturas analisadas serão fotografadas com o auxílio do M.O. e alguns detalhes serão fotografados no microscópio de varredura.

¹Bolsista PIBIC/CNPq/Embrapa, Acadêmico do Curso de Engenharia Florestal (FCAP), 3 período.

²Bióloga, M. Sc., pesquisadora da Embrapa Amazônia Oriental, e-mail: (regina@cpatu.embrapa.br)

³Biólogo, M. Sc., professor da Faculdade de Ciências Agrárias do Pará (FCAP).